



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS

LUCIANA HELENA GOMES RIBEIRO

**A AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL DA ESCOLA DR. VICENTE MAUÉS EM ABAETETUBA-PA**

ABAETETUBA/PARÁ

2019

LUCIANA HELENA GOMES RIBEIRO

**A AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL DA ESCOLA DR. VICENTE MAUÉS EM ABAETETUBA-PA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal do Pará, como requisito
parcial para obtenção do Grau de Licenciado em
Pedagogia, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Mariza
Felippe Assunção.

ABAETETUBA/PARÁ

2019

LUCIANA HELENA GOMES RIBEIRO

**A AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL DA ESCOLA DR. VICENTE MAUÉS EM ABAETETUBA-PA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para obtenção do Grau de Licenciado em Pedagogia, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Mariza Felipe Assunção.

Aprovado em: ___/___/___

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a Mariza Felipe Assunção – UFPA
Orientadora – Faculdade de Educação e Ciências Sociais – CAAB/UFPA

Profa. Dr.^a Jacqueline Cunha da Serra Freire – UFPA
Examinadora – Faculdade de Formação e Desenvolvimento do Campo – FADECAM

Dedico este trabalho a Deus pelo dom da vida, aos meus pais Luís Alípio (*in memorian*) e Maria do Carmo e a minha amada tia Maria Alice (*in memorian*) exemplo de superação e comprometimento que

sempre me incentivou a estudar e buscar conhecimento.

AGRADECIMENTOS

Dedico este trabalho em primeiro lugar a Deus, que me deu saúde e forças para superar todos os momentos difíceis a que eu me deparei ao longo da minha graduação.

Agradeço a minha mãe Maria do Carmo, que sempre me deu apoio e incentivo nos momentos difíceis de desânimo e cansaço e que batalhou muito para me oferecer uma educação de qualidade.

A minha avó Maria Rosa, que sempre acreditou no meu potencial e nunca negou uma palavra de incentivo.

Aos meus irmãos Luís Alberto, Lílian Luíza, Alípio, Malena Luíza e Jorge Ermenegildo, meu muito obrigada, por torcerem e vibrarem com a minha conquista.

Ao meu esposo Cleberson Ribeiro e os meus filhos Lara Sophia e Nicolas, vocês são minha inspiração de vida.

Quero agradecer a minha professora orientadora Mariza Felipe Assunção, pela paciência e dedicação, que foram fundamentais para a construção e realização desta pesquisa.

Aos meus amigos do curso de Pedagogia 2015 Antônio Ronildo, Brenda, Rosa Maria e Bruna, parceiros de pesquisa, obrigada por toda a ajuda e apoio durante este período tão importante da minha formação acadêmica.

Por fim, manifesto aqui a minha gratidão a todos que direta ou indiretamente me ajudaram a realizar o sonho de concluir o curso de Pedagogia.

“Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo. Todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós ignoramos alguma coisa. Por isso aprendemos sempre”.

(Paulo Freire)

RESUMO

A avaliação da aprendizagem precisa está vinculada de maneira contínua e processual ao cotidiano escolar, com a intenção de melhorar o processo de ensino/aprendizagem, promovendo reflexões permanentes que ajudam a alcançar os objetivos do professor e do aluno na construção do conhecimento. Para isso existem inúmeros instrumentos avaliativos que podem ser usados para auxiliar o professor no alcance dos objetivos propostos, proporcionando uma avaliação formativa. O presente trabalho tem por objetivo compreender as práticas avaliativas presentes em uma turma de 3º ano do ensino fundamental; analisar as concepções de avaliação compreendendo sua dimensão e suas implicações na prática avaliativa; observar as práticas de avaliação; investigar os instrumentos de avaliação presentes no cotidiano de sala de aula de uma escola pública de ensino fundamental; Para fins de análise, optou-se por uma investigação qualitativa, por entender que esta é a forma mais adequada para atingir os objetivos propostos. Inicialmente foi realizada uma pesquisa bibliográfica, explicitando as concepções de vários autores que discutem sobre o tema avaliação, através livros, artigos científicos e periódicos. A coleta de dados foi realizada em uma escola pública de ensino localizada no município de Abaetetuba-Pará, junto aos alunos e professora do 3º ano do ensino fundamental, utilizando observações e questionário como instrumentos de coleta de dados. A avaliação não deve ser produto final, mas deve ser diagnóstica, com a intenção de sempre verificar o que o aluno já sabe, possibilitar traçar objetivos, refletir que instrumentos avaliativos poderá ser utilizado para alcançar esses objetivos, e também de uma avaliação que seja de fato formativa, processual, contínua, que visa o acompanhamento do aluno sempre fazendo essa associação entre avaliação diagnóstica e avaliação formativa com o intuito de fazer com que o aluno aprenda, verificar o porquê que o aluno não está conseguindo aprender.

Palavras-Chaves: Avaliação da aprendizagem. Instrumentos avaliativos. Prática pedagógica.

ABSTRACT

The evaluation of the precise learning is linked in a continuous and procedural way to the school daily, with the intention to improve the process of teaching / learning, promoting permanent reflections that help to reach the objectives of the teacher and the student in the construction of knowledge. For this, there are numerous evaluation instruments that can be used to assist the teacher in achieving the proposed objectives, providing a formative evaluation. The present work aims to understand the evaluation practices present in a class of 3rd year of elementary school; to analyze the conceptions of evaluation comprising its dimension and its implications in the evaluation practice; observe the evaluation practices; to investigate the evaluation tools present in the daily classroom of a public elementary school; For the purposes of analysis, a qualitative investigation was chosen, since it is understood that this is the most adequate way to achieve the proposed objectives. Initially a bibliographical research was carried out, explaining the conceptions of several authors that discuss on the subject evaluation, through books, scientific articles and periodicals. Data collection was carried out at a public school located in the city of Abaetetuba-Pará, together with the students and teacher of the 3rd year of elementary school, using observations and questionnaire as data collection instruments. Evaluation should not be a final product, but should be diagnostic, with the intention of always verifying what the student already knows, making it possible to trace objectives, reflecting which evaluation instruments can be used to achieve those objectives, and also of an evaluation that is a formative, procedural, continuous, that aims at accompanying the student always making this association between diagnostic evaluation and formative evaluation in order to make the student learn, verify the reason that the student is not able to learn.

Key-words: Evaluation of learning. Evaluation instruments. Pedagogical practice.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
SEÇÃO 1: ABORDAGENS TEÓRICAS ACERCA DA AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM	13
1.1 AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA	13
1.2 AVALIAÇÃO FORMATIVA	15
1.3 AVALIAÇÃO SOMATIVA	18
SEÇÃO 2: AS DIFERENTES ABORDAGENS NO LOCUS DA PESQUISA: A RELAÇÃO TEORIA X PRÁTICA	21
2.1 SOBRE OS INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO USADOS	23
2.1.1 Revelações do cotidiano escolar	24
2.1.2 Questionário	32
2.2 AS PRÁTICAS AVALIATIVAS NO CONTEXTO ESCOLAR	36
CONCLUSÃO	40
REFERÊNCIAS	42
APÊNDICE A: QUESTIONÁRIO	44
APÊNDICE B: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	45

INTRODUÇÃO

A avaliação é indispensável no cotidiano escolar, pois auxilia o educador a diagnosticar o andamento do educando, em busca de observar seus avanços e dificuldades, de forma com que tenha a possibilidade de ajustar os métodos e

estratégias de ensino quando necessários para promover a construção da aprendizagem.

A visão distorcida da escola e principalmente dos docentes com relação ao ensino-aprendizagem e a concepção equivocada das práticas avaliativas dos educadores concebem o ato de avaliar como forma de mensurar o conhecimento, sem criar estratégias que auxiliem o sujeito a melhorar em sua aprendizagem (LUCKESI, 2002). E a avaliação não deve ser uma prática sentenciosa e classificatória, apenas com a função de promover os educando a série seguinte, mas sim uma prática de avaliação formativa, contínua, e neste processo o professor atua como mediador e o aluno, por sua vez, é um sujeito ativo na construção do seu conhecimento.

Diante desses pressupostos busco compreender as práticas de avaliação da aprendizagem presentes na turma 3º ano na Escola Municipal de Ensino Fundamental Dr. Vicente Maués onde foi realizado a observação para a realização da referida pesquisa.

O interesse em pesquisar sobre esse tema ganhou forças durante a disciplina Avaliação Educacional, ministrada na turma de Pedagogia 2010, da Universidade Federal do Pará, Campus de Abaetetuba, momento que compreendi que a avaliação não está apenas no produto final, ou seja, na nota que foi registrada ao aluno, e sim faz parte de todo o processo. Mas, o que me chamou a atenção foi no final da disciplina, que por motivos pessoais a professora não poderia estar presente e deixou uma professora substituta para avaliar o debate final que foi proposto como atividade. Durante o debate uma aluna disse que o professor precisa avaliar individualmente o aluno para saber suas dificuldades, e após a fala da colega a professora disse que não era possível conhecer individualmente cada aluno, pois em turmas superlotadas não se tem condições de conhecê-los.

Minha experiência de avaliação durante a jornada escolar foi moldada por uma concepção classificatória, autoritária, foram poucas as experiências de avaliação formativa. Comecei a estudar com 4 anos de idade no Jardim II, e por ser muito tímida na sala de aula, tive muita dificuldade em interagir com a turma e com a professora, e assim me sentindo intelectualmente inferior aos meus colegas, e até hoje ainda tenho esse problema, porém já melhorei bastante, e acredito que se minha professora ao

observar que eu não conseguia interagir e ficava sempre retraída na carteira e não incomodava ninguém, ela poderia tentar conversar para saber porque não estava interagindo com a turma, e como docente, procurar estratégias de fazer com que houvesse a superação dessa dificuldade, pois a avaliação deveria ser não apenas coletiva, mas também individual, pois cada aluno é diferente, possui suas especificidades, avanços e dificuldades. Desse modo não se pode utilizar um único modelo avaliativo, e sim levar em consideração outros aspectos como sociais, afetivos, individuais.

Na 5ª série, durante a aula de Matemática, o professor escreveu no quadro várias continhas de multiplicação e divisão, e chamou vários alunos para resolver, e para minha infelicidade ele me escolheu para realizar aquela atividade. Ele solicitou a resolução de uma conta de dividir, porém não consegui resolver, pois não sabia fazer esse tipo de conta. Então, falei de forma retraída e envergonhada que eu não sabia resolver a conta. Ele me deu uma bronca na frente de todos, e falou que era uma vergonha eu estar na 5ª série sem saber conta de dividir.

Diante disso, fiquei arrasada e envergonhada. E como já tinha um comportamento retraído, sempre tive receio de fazer perguntas ou responde-las na frente dos colegas de classe. E somente na 8ª série que minha tia me ensinou a resolver conta de dividir. Acredito que se ao invés do professor ter me envergonhado e me criticado, ele tivesse me corrigido, mostrando como resolver aquele problema, eu poderia aprender e não haveria tanta dificuldade de resolver essa simples conta, pelo fato de me achar incapaz.

Desse modo, entendo que a avaliação não deveria ser um julgamento, uma sentença das dificuldades do aluno, mas um instrumento que auxilie o professor na busca de maneiras que realmente possam ajudar na aprendizagem do educando.

Dessa forma, é necessário refletir sobre os instrumentos avaliativos utilizados na prática pedagógica, de como os professores veem o ato de avaliar e como é realizada a avaliação da aprendizagem durante sua prática docente. É preciso usar estratégias para superar o fracasso escolar, diminuir os índices de repetência, de evasão escolar, pois a escola tem um papel importante nesse processo já que é através dela que o indivíduo busca construir conhecimento, mas até que ponto está havendo conexão

entre a avaliação e processo de ensino aprendizagem? Visto que a avaliação não pode ser vista como dissociada do ato de educar, e sim a forma conjunta avaliar/educar (LUCKESI, 2002).

Objetivo compreender as práticas de avaliação da aprendizagem utilizadas nas séries iniciais do Ensino Fundamental da Escola Municipal Dr. Vicente Maués em Abaetetuba, analisar as concepções de avaliação, compreender sua dimensão e suas implicações na prática educativa, investigar os instrumentos de avaliação da aprendizagem presentes no cotidiano escolar e identificar as práticas de avaliação na referida escola.

Diante disso, optou-se pela investigação qualitativa, por entender que poderiam revelar a subjetividade de todos os envolvidos neste processo, pois a mesma possibilita buscar significados aos fatos observados, para compreender e interpretar as informações obtidas a partir da pesquisa. De acordo com Chizzotti (2003):

O termo qualitativo implica uma partilha densa com pessoas, fatos e locais que constituem objetos de pesquisa, para extrair desse convívio os significados visíveis e latentes que somente são perceptíveis a uma atenção sensível (CHIZZOTTI, 2003, p. 221).

A pesquisa realizada é do tipo bibliográfica, com o propósito de explicitar as concepções de diferentes autores acerca da avaliação através de livros, artigos científicos, e da pesquisa de campo, foi também realizado questionário e análise documental.

Foi aplicado um questionário com a professora da turma do 3º ano do turno da tarde, com a intenção de saber sobre sua visão de avaliação, a fim de entender suas práticas avaliativas observadas no decorrer da pesquisa de campo.

As observações dentro e fora da sala de aula aconteceram em novembro de 2018, em dias alternados, os dados obtidos foram registradas em um diário de campo, além disso, foram analisadas a estrutura da escola, a postura do professor diante dos alunos, a postura dos alunos, as interações, o processo pedagógico. Para Moroz (2002):

A observação é uma atividade que ocorre diariamente; no entanto, para que possa ser considerada um instrumento metodológico, é necessário que seja planejada, registrada adequadamente e submetida a controles de precisão (MOROZ, 2002, p. 65).

As investigações bibliográficas ajudaram a compreender os argumentos dos autores sobre a avaliação e a pesquisa de campo (observações e questionário) buscam entender como ocorre o ato avaliativo na escola e relacionar com o discurso da professora.

Foi realizada análise documental, a fim de verificar o Projeto Político Pedagógico da escola pesquisada, questionário com a professora e a pesquisa bibliográfica. Conforme Lüdke e André (1986, p.45), “[...] analisar os dados qualitativos significa trabalhar todo o material obtido durante a pesquisa, ou seja, os relatos de observação, transcrições de entrevista, as análises de documentos e as demais informações disponíveis”, estas foram analisadas a fim de relacionar e debater teoricamente os dados obtidos com os autores de larga produção teórica acerca da avaliação da aprendizagem, como Hoffmann (2001), Luckesi (2002) e outros.

Esta pesquisa está estruturada em duas seções, sendo na primeira foram discutidas as abordagens teóricas acerca da avaliação da aprendizagem: a avaliação diagnóstica, formativa e a avaliação somativa.

Na segunda seção são discutidas as abordagens no *locus* da pesquisa, fazendo a relação entre a teoria e a prática, e este é dividido em duas subseções: sobre os instrumentos de avaliação usados no decorrer das observações e questionário; e como se dar as práticas avaliativas no cotidiano escolar.

E por fim, as considerações finais serão apresentadas as principais conclusões obtidas com o desenvolvimento do trabalho, ressaltando, sobretudo, a necessidade de promover uma avaliação diagnóstica e formativa no cotidiano escolar, a fim de proporcionar ao professor a refletir sobre sua prática pedagógica, e proporcionar ao aluno uma aprendizagem satisfatória.

SEÇÃO 1: ABORDAGENS TEÓRICAS ACERCA DA AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM

Tradicionalmente, a avaliação é considerada como um fator que ocorre no final de uma disciplina, de um período de aula. Porém, muitos autores defendem que a

avaliação precisa ocorrer durante todo o processo de ensino aprendizagem, contribuindo para acompanhar os avanços e dificuldades do educando, e permitir que o professor busque estratégias de ensino para que o aluno possa realmente assimilar o conteúdo trabalhado.

Na década de 70, Benjamin Bloom (1983) e outros autores classificaram a avaliação em três funções: diagnóstica (analítica), formativa (controladora) e somativa (classificatória).]

1.1 A AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA

A avaliação diagnóstica é uma análise preliminar realizada pelo professor, com a intenção de compreender e identificar o que o aluno sabe e quais suas dificuldades que ele possui, para então promover estratégias que venham ajudar este aluno a superar tais dificuldades. Esse tipo de avaliação geralmente é utilizada no início do ano letivo, de uma disciplina ou antes de se trabalhar um novo conceito, pois esta é realizada no início do processo de ensino aprendizagem, possibilitando que o professor tenha uma visão mais detalhada do estágio que o aluno se encontra, para então traçar estratégias de intervenção.

A avaliação diagnóstica para Luckesi (2002, p. 35) é “um momento dialético de ‘senso’ do estágio em que se está e de sua distância em relação à perspectiva que está colocada como ponto a ser atingindo à frente”. Através dela é possível fazer um levantamento dos conhecimentos que o aluno já possui, e serve como iniciativa para realizar o planejamento de estratégias, instrumentos de avaliação e métodos de ensino que podem ser usados durante sua prática que possibilitem facilitar a transmissão e a assimilação desse conhecimento pelo educando.

Se o maior objetivo da escola é que os educandos aprendam e com isso se desenvolvam, a avaliação deve estar a serviço desse pressuposto. Deve então constituir-se como um ato de investigação da qualidade das aprendizagens dos alunos, configurando-se como avaliação diagnóstica e, a partir desta, motivar a proposta de ações que aproximem o desempenho real dos estudantes daquele que se deseja que eles alcancem (LUCKESI, 2011, p. 175).

Esse tipo de avaliação é importante ser realizada pelo professor, pois promove reflexões em quais metas, objetivos, metodologias que ele precisa usar para alcançar o objetivo maior da escola: promover a aprendizagem do aluno. Refletir não apenas acerca do cognitivo do aluno, mas entender que este socialmente possui especificidades, dificuldades que muitas vezes influenciam na aprendizagem do aluno e que não devem ser ignoradas, por isso é necessária este tipo de avaliação, pois cada aluno encontra-se em um estágio diferente do outro, uns podem assimilar o conteúdo com facilidade, enquanto outros podem apresentar dificuldades em aprender. Dessa forma a avaliação

[...] deverá ser assumida como um instrumento de compreensão do estágio de aprendizagem em que se encontra o aluno, tendo em vista tomar decisões suficientes e satisfatórias para que possa avançar no seu processo de aprendizagem. Se é importante aprender aquilo que se ensina na escola, a função da avaliação será possibilitar ao educador condições de compreensão do estágio em que o aluno se encontra, tendo em vista poder trabalhar com ele para que saia do estágio defasado em que se encontra e possa avançar em termos dos conhecimentos necessários (LUCKESI, 2002, p. 81)

A avaliação diagnóstica possibilita refletir sobre o estágio inicial do aluno para planejar as ações necessárias a serem realizadas que venham superar as dificuldades dos discentes, para que estes não permaneçam estudando, mas continuam com dúvidas, dificuldades, tornando o processo de ensino aprendizagem penoso, diferente de uma educação transformadora, que visa o desempenho do aluno.

É importante a realização da avaliação diagnóstica para identificar as especificidades de aprendizagem de cada aluno, quais métodos usar, evitando que o aluno chegue ao final de um assunto ou período letivo com dificuldades, então essa análise inicial é importante e a cada conteúdo ou conceito o docente busque sempre observar se as estratégias de ensino estão obtendo resultados positivos na aprendizagem do educando. Afinal, esse tipo de avaliação tem a finalidade de prevenção, observação, reflexão e análise, de conhecer melhor o aluno em relação as suas características cognitivas, de prever a maneira mais adequada de se trabalhar com ele.

Mas, o que fazer com os resultados da avaliação diagnóstica coletados pelo professor? Afinal, é necessário traçar caminhos de possibilidades de aprendizado.

Estabelecer o diálogo entre o professor e o coordenador pedagógico, pois este poderá ajudar o professor com suas dúvidas, dificuldades com determinados alunos. E também, a escola poderá promover atividades que venham instigar a participação dos alunos para ajudar na superação das suas dificuldades, melhorar seu desempenho, por isso a avaliação diagnóstica é essencial e necessária.

O professor pode fazer uso de vários instrumentos avaliativos para realização da avaliação diagnóstica como, por exemplo, provas, observações, atividades individuais ou em grupo, entrevistas, instrumentos que ajudem a identificar as características de aprendizagem do aluno, tanto no aspecto individual, quando no seu envolvimento em grupo. Lembro-me de uma palestra do IX FIPED realizada em Abaetetuba/PA que o professor Dr. Miguel Arroyo dizia da importância da avaliação, de se conhecer o aluno, de pensar que outros aspectos que vão além dos muros da escola influenciam em seu aprendizado, que as questões sociais acabam afetando tanto de forma positiva quanto de forma negativa o aprendizado do discente, a fome, os conflitos familiares, daí a importância de se conhecer o aluno, e a avaliação permite tal ato, mas depende de quais estratégias de coleta de dados os professores utilizarão, que instrumentos avaliativos podem promover esse conhecimento mais detalhado do aluno.

1.2 A AVALIAÇÃO FORMATIVA

Necessitamos aprender *sobre* e *com* a avaliação. Ela atua, então, a serviço do conhecimento e da aprendizagem, bem como dos interesses formativos aos quais essencialmente deve servir. Aprendemos com avaliação quando a transformamos em atividade de conhecimento e em ato de aprendizagem o momento da correção. Apenas quando asseguramos a aprendizagem também podemos assegurar a avaliação – a boa avaliação *que forma* – transformada ela mesma em meio de aprendizagem e em expressão de saberes. Só então podemos falar com propriedade em *avaliação formativa* (MÉNDEZ, 2002, p. 14)

A avaliação formativa ocorre durante todo o processo pedagógico, fazendo o acompanhamento progressivo do aluno, ajudando a desenvolver suas capacidades cognitivas e ao mesmo tempo fornece informações sobre seu desempenho, possibilitando ao professor saber se realmente o aluno está aprendendo e que estratégias de ensino será necessário usar ou reajustar suas metodologias de ensino, caso seja necessário. Para Perrenoud (1999, p. 103) “é formativa toda avaliação que

ajuda o aluno a se desenvolver, ou melhor, que participa da regulação das aprendizagens e do desenvolvimento no sentido de um projeto educativo”.

Não podemos ver o ato de avaliar isolado do ato de educar, os dois precisam estar juntos durante todo o processo de ensino aprendizagem (LUCKESI, 2002). Pois, quando se vê a avaliação unicamente sendo realizada no final de um processo, não se está sendo norteado por uma avaliação diagnóstica e formativa, mas sim como uma única função: a de classificar o aluno, categorizar o estágio em que ele está. Por isso a avaliação precisa ser formativa, processual e não final. Ser reflexiva, pois ela possibilita manter constantemente esse processo de reflexão/intervenção, de olhar o educar/avaliar entrelaçados, importantes para o ensino aprendido do aluno.

A avaliação é uma tarefa complexa que não se resume a realização de provas e atribuição de notas. A mensuração apenas proporciona dados que devem ser submetidos a uma apreciação qualitativa. A avaliação, assim, cumpre funções pedagógico-didáticas, de diagnóstico e de controle em relação as quais se recorrem a instrumentos de verificação do rendimento escolar (LIBÂNEO, 1994, p. 195).

Avaliação é um instrumento permanente do trabalho docente, com propósito de auxiliar o aluno em sua aprendizagem, permitindo constantemente a reflexão das ações como educador, com o objetivo de acompanhar o desenvolvimento do aluno e de realizar intervenções quando necessário.

Vale lembrar que não é o instrumento que o professor utiliza que vai dizer se a avaliação é formativa ou não, mas sim o uso que o docente faz desse instrumento, ou seja, a intenção do avaliador. Por isso é importante estabelecer os critérios de avaliação e estes precisam estar claros tanto para quem avalia, quanto para quem é avaliado, pois os alunos precisam saber para que eles se organizem e estabeleçam metas para atingir seus índices, a fim de obter melhor desempenho para realizar a regulação de sua aprendizagem, pois os alunos não podem identificar com clareza suas próprias dificuldades em um campo que desconhecem por isso o professor precisa estar ajudando na formação deste aluno, acompanhando e auxiliando em seu aprendizado.

Quando falamos sobre os instrumentos de avaliação como os testes, provas, que são tradicionalmente usados de forma equivocada e na maioria das vezes como forma

de mensurar o conhecimento pelo modo com que é utilizado, podemos pensar que em uma avaliação formativa seria um equívoco utilizar tais instrumentos, porém depende muito de como este serão utilizados, enfatizo que depende da intenção do avaliador para conduzir a uma avaliação formativa, reflexiva e processual.

Hoffmann (2001) entende que:

A avaliação é a reflexão transformada em ação. Ação essa que nos impulsiona a novas reflexões. Reflexão permanente do educador sobre sua realidade, e acompanhamento de todos os passos do educando na sua trajetória de construção de conhecimento (HOFFMANN, 2001, p. 17).

Desse modo, a avaliação é, sobretudo, um instrumento de reflexão permanente, pois através da avaliação há a possibilidade de ajustar os métodos e estratégias para direcionar a aprendizagem dos alunos, auxiliando os mesmos na tomada de consciência de seus avanços, dificuldades e possibilidades de ações durante a construção da aprendizagem. Assim, “a avaliação deixa de ser um momento terminal do processo educativo (como hoje é concebida) para se transformar na busca incessante de compreensão das dificuldades do educando e na dinamização de novas oportunidades de conhecimento” (HOFFMANN, 2001, p. 20).

Na avaliação formativa os alunos são avaliados continuamente, e não apenas pontuando a avaliação em determinados períodos, ao final de um bimestre ou de um ano letivo. Esse processo avaliativo vai conduzir aos professores e a equipe pedagógica da escola a repensar seu trabalho, podendo recorrer a instrumentos e procedimentos avaliativos diversificados, observações do desempenho do aluno no cotidiano, provas, pesquisas, trabalhos, que são importantes para repensar a organização do trabalho pedagógico do docente. Sem a preocupação na aprovação ou reprovação, mas sim na promoção da aprendizagem.

Através da avaliação formativa se possibilita ver os erros e acertos do educando, e através do *feedback* o professor identifica as dificuldades, deficiências tanto dos alunos, quanto de sua forma de lecionar, verificar sua prática pedagógica, suas metodologias, observar os estímulos dos alunos em sua aprendizagem, se estão alcançando o objetivo principal que é a promoção do conhecimento, possibilita sempre realizar no trabalho docente a flexibilização de sua didática, diferente de um conteúdo

ou metodologia pronta e acabada, mas sim de forma com que possa repensar e planejar novas estratégias de ensino, a fim de aperfeiçoá-los quando necessário.

1.3 A AVALIAÇÃO SOMATIVA

A avaliação somativa tem como objetivo formalizar registros, por meio de notas, conceitos sobre o desempenho dos alunos. De acordo com Haydt (1988, p. 18) “a avaliação somativa, com função classificatória, realiza-se ao final de um curso, período letivo ou unidade de ensino”. Porém, é necessário enfatizar que utilizar apenas a avaliação somativa como único método, sem está relacionada com a diagnóstica e a formativa corre-se o risco de acarretar danos ao processo de aprendizagem do aluno, tornando a avaliação como mera classificação, mensuração do conhecimento.

A atual prática da avaliação escolar determinou como função do ato de avaliar a classificação e não o diagnóstico como deveria ser constitutivamente. O julgamento de valor, que tem função de possibilitar uma nova tomada de decisão sobre o objeto avaliado, passa a ter a função estática de classificar um objeto ou um ser humano histórico num padrão definitivamente determinado. Do ponto de vista de aprendizagem escolar poderá ser definitivamente classificado como inferior médio ou superior. Classificações estas que são registradas e podem ser transformadas em números e adquirirem a possibilidade de serem somadas e divididas em médias (LUCKESI, 2002, p. 34)

Segundo Vasconcelos (2005) deve-se distinguir avaliação de nota, a avaliação é um processo que precisa de uma reflexão crítica sobre a prática, podendo desta forma verificar os avanços e dificuldades e o que se fazer para superar esses obstáculos. A nota seja na forma de número ou conceitos é uma exigência do sistema educacional.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação determina em seu Art. 24, inciso V, alínea a), que:

a verificação do rendimento escolar observará os seguintes critérios: a avaliação contínua e cumulativa do desempenho do aluno, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo do processo sobre os de eventuais provas finais.

De acordo com a LDB deve-se avaliar qualitativamente o desempenho do aluno, sem que a avaliação somativa, classificatória, prevalecesse nesse processo. Não se pode deixar que a nota, o conceito de um único instrumento de avaliação utilizado pelo professor possa definir o quanto o aluno aprendeu, e classificar seu desempenho a partir de um número ou conceito, pois nem sempre apenas um instrumento avaliativo é suficiente para avaliar de fato o aluno. É possível perceber que a avaliação ainda é vista como algo negativo, penoso, muitos alunos e professores acreditam que a avaliação está relacionada apenas a notas que classificam os sujeitos, como se esta fosse de fato refletir a aprendizagem real do aluno, e definir se estes estão aptos a serem promovidos para o “nível” seguinte.

Conforme Moretto (1996, p. 01) a avaliação tem sido um processo angustiante para muitos professores que utilizam esse instrumento como recurso de repressão e alunos que identificam a avaliação como o "momento de acertos de contas", "a hora da verdade", "a hora da tortura".

A avaliação não deve ser um “monstro” no processo educativo, visto que, a nota é, muitas vezes, o mais importante, elemento do desejo e como afirma Luckesi (2002) é a nota que domina tudo; é em função dela que se vive na prática escolar e isso só um lado – aluno - é julgado. De acordo com Veiga (2006, p. 13):

O processo didático tem por objetivo dar respostas a uma necessidade: o ensinar. O resultado do ensinar é dar respostas a uma outra necessidade: a do aluno que procura aprender. Ensinar e aprender envolvem o pesquisar. E essas três dimensões necessitam do avaliar. Esse processo não se faz de forma isolada. Implica interação entre os sujeitos e objetos.

É uma determinação do sistema de ensino, no final de cada ano letivo o docente lançar uma nota ou um conceito para cada disciplina estudada pelo aluno. O professor precisa “transformar” o que o aluno aprendeu em uma estatística, uma nota, e que muitas vezes é determinada por uma prova. Dessa forma, no final é preciso transformar o conhecimento adquirido pelo aluno em um número aproximado de quanto o aluno aprendeu. Então, a avaliação somativa está presente nas práticas avaliativas da escola, mas é preciso que o docente saiba utilizá-la, de forma que busque ampliar os instrumentos de avaliação, não restringindo a um único instrumento avaliativo,

possibilitando utilizar além da prova outros instrumentos para ajudar a compreender os avanços dos alunos.

Avaliar somente no final, ou por unidade de tempo ou de conteúdo, é chegar tarde para garantir a aprendizagem contínua e oportuna. Nesse caso e neste uso, a avaliação só chega a tempo para qualificar, condição para a classificação, que é o passo prévio a seleção e para a exclusão racional. Ela desempenha funções distintas aos fins educativos, artificialmente necessárias, mas os principais beneficiados já não são os sujeitos que participam do processo. (MÉNDEZ, 2002, p. 17).

Na avaliação somativa, por ser uma amostragem do aprendizado adquirido pelo aluno, através de uma nota ou de um conceito, poderá ou não espelhar o conhecimento adquirido pelo educando, por exemplo, um aluno que no dia de realização de uma prova não está se sentindo bem para realizar a mesma, pode obter um desempenho inferior ao seu aprendizado. Logo, o resultado da prova não mostrará de fato o que o aluno aprendeu. Outro fato é o aluno estudar ou memorizar um assunto por um período curto de tempo apenas para realizar um teste, uma prova escrita ou oral, e a memorização nem sempre significa aprender este conteúdo. Dessa forma, é preciso utilizar mais de um instrumento avaliativo, pois auxilia o professor a coletar informações, realizando um diagnóstico da aprendizagem do aluno, para que a avaliação somativa não resulte em dados duvidosos.

Portanto, as funções da avaliação como diagnóstica, formativa e somativa precisam estar vinculadas para garantir uma avaliação satisfatória, que busque sempre melhorar o processo ensino-aprendizagem, para isso é preciso ter um comprometimento com a educação, e isso requer dedicação tanto do docente quanto da direção, do coordenador pedagógico trabalhando juntos para superar as dificuldades encontradas em sala de aula sempre em busca de melhorar o desempenho do educando.

SEÇÃO 2: AS DIFERENTES ABORDAGENS NO LOCUS DA PESQUISA: A RELAÇÃO TEORIA X PRÁTICA

Todos estamos sujeitos a avaliação, na rua, em casa, e na escola não é diferente, todos os sujeitos avaliam e são avaliados de certa forma, uma vez que o ato de avaliar pressupõe “um juízo de valor sobre dados relevantes, objetivando uma tomada de decisão” (Luckesi, 1978, p.5). A avaliação no contexto escolar é indispensável, pois motiva o fracasso ou o sucesso do aluno, dependendo do modo com que o ensino é conduzido, de que resultados se quer alcançar e que caminhos trilhar para alcançar os objetivos traçados.

É equívoco achar que o ato de avaliar é simplesmente aplicar provas e testes. O ato de avaliar é observação, reflexão, é modificar a prática pedagógica quando necessário, é práxis. Avaliar não é algo simples, pois requer dedicação e comprometimento com a educação, com a promoção do saber.

Existem inúmeros instrumentos avaliativos que são recursos dispostos para coleta e análise de dados que auxiliam nesse processo de ensino aprendizagem, que precisam ser selecionados de acordo com os objetivos que se pretende alcançar. Segundo Luckesi (2001, p.155) “no cotidiano escolar, na maior parte das vezes, os procedimentos de ensino são selecionados sem critérios definidos criticamente, sem que se reflita claramente sobre o sentido e o significado de cada um deles”.

Desse modo, utilizar a prova, por exemplo, como um único instrumento para definir o quanto o aluno aprendeu, torna os resultados das análises vagos e que não projetam verdadeiramente o aprendizado do aluno, contribuindo para uma avaliação meramente classificatória, sem revelar de fato as dificuldades e habilidades do aluno. Sant’ana (2010) afirma que:

[...] a avaliação não se constitui processo isolado, em que o professor aplica determinado instrumento, atribui uma nota ou conceito, e com isso classifica ou desclassifica o aluno. Mesmo ao utilizar um tipo de questão dissertativa, ou seja, uma prova aberta, de resposta livre, o professor deve ter bem presente o propósito a que este tipo de questão irá servir, que capacidades e áreas de conteúdo visa medir e quais os valores relativos deve ter (SANT’ANA, 2010, p.56)

O problema não está no uso dos instrumentos avaliativos, mas na intenção e no modo como são utilizados pelo professor, dependendo do propósito poderá contribuir (ou não) para a coleta de dados acerca da aprendizagem do aluno.

Em busca de compreender como ocorre o processo de avaliação, bem como o uso dos instrumentos avaliativos no cotidiano da sala de aula nas séries iniciais do Ensino Fundamental, foi realizada pesquisa de campo na Escola de Ensino Fundamental “Dr. Vicente Maués”, com a turma de 3º ano, do turno da tarde.

A Instituição pesquisada está localizada no Município de Abaetetuba/Pará, a mesma foi fundada em 22 de abril de 1936, funciona em prédio próprio de alvenaria, possui doze salas de aula, sala de diretoria, sala dos professores, sala da secretaria, sala de leitura, sala de recursos multifuncionais para Atendimento Educacional Especializado (AEE), laboratório de informática, quadra de esportes, auditório, banheiros, cozinha e pátio.

A escola funciona nos três turnos (matutino, vespertino e noturno) e atende as níveis de Educação Infantil e Ensino Fundamental, este último (regular e EJA). Atualmente possui duas turmas Maternal II, 02 turmas do Período I, 01 turma do período II, 02 turmas do 1º ano, 01 turma do 2º ano, 02 turmas de 3º ano, 02 turmas de 4º ano, 02 turmas do 5º ano, 01 turma de 1º Etapa (EJA) e 02 turmas de 2º Etapa (EJA).

O Ensino Fundamental está pautado nas seguintes componentes curriculares: Língua Portuguesa, Matemática, História, Geografia, Ciências Naturais, Educação Física, Educação Artística, Ensino Religioso e Aspecto da Vida Cidadã (AVC).

Quanto a organização do currículo, este é proposto pela Secretaria Municipal de Educação (SEMEC), em conformidade com os Parâmetros Curriculares Nacionais através de projetos disciplinares e interdisciplinares contextualizados, afim de contribuir para a vida do educando, extraindo temas geradores a partir da realidade do aluno. A escola desenvolve também ações que envolvam a comunidade escolar através de caminhadas, campanhas, exposições dos trabalhos pelos alunos, gincanas, feiras e celebrações.

No ano de 2017 foram matriculados 181 alunos (1º ao 5º ano), destes 135 alunos foram aprovados e 46 foram reprovados. Já no nível de Educação de Jovens e Adultos (1º e 2º Etapa) foram matriculados 52 alunos, sendo 06 aprovados e 46 reprovados.

De acordo com o Projeto Político Pedagógico da Escola, o processo avaliativo é realizado de forma contínua, partindo de uma avaliação diagnóstica, a fim de

desenvolver estratégias que venham diminuir as dificuldades enfrentadas pelos discentes durante o processo de ensino aprendizagem, assim o desempenho dos docentes é essencial para estabelecer meios de chegar a construção do conhecimento, na busca de sempre melhorar o desempenho dos discentes

A metodologia empregada neste estudo foi à pesquisa qualitativa que possibilitou um aprofundamento sobre o tema proposto, onde inicialmente foi realizada pesquisa bibliográfica, com a finalidade de compreender melhor sobre o tema avaliação da aprendizagem através dos estudos de autores que discutem sobre o tema, além disso foi realizado a pesquisa de campo, com a intenção de conhecer as práticas avaliativas no contexto da sala de aula.

As observações foram realizadas na turma do 3º ano do Ensino Fundamental, a qual possui 25 alunos matriculados, sendo que na turma possui um aluno com autismo com acompanhamento de uma professora cuidadora. A professora da turma pesquisada, possui graduação em Pedagogia e especialização em Educação Especial, e leciona há 18 anos. Foi aplicado questionário com a mesma com a finalidade de entender sua visão acerca da avaliação.

2.1 SOBRE OS INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO UTILIZADOS

A observação proporciona ao pesquisador conhecer o ambiente, os sujeitos, o cotidiano, as interações. Durante as observações realizadas na turma do 3º ano do Ensino Fundamental da Escola “Dr. Vicente Maués” foi possível perceber as práticas avaliativas, além disso, foi possível realizar um questionário com a professora para saber sua concepção de avaliação, suas dificuldades em avaliar a aprendizagem do aluno, pois há essa pluralidade no aprendizado, enquanto uns aprendem com facilidade, outros aprendem mais lentamente, e isso é um desafio para o professor. Tardif (2012, p. 41) argumenta que a “realidade social é como uma floresta da qual não se tem um ‘ponto de vista aéreo’ que permita tudo ver; pelo contrário, é preciso decidir entrar na floresta, tomar certos caminhos e trilhos particulares, sabendo que também outros itinerários são possíveis”.

No contexto escolar estão presentes uma variedade de instrumentos avaliativos, deixando de ficar limitado ao uso somente da prova. Isso contribui para se ter um

melhor aproveitamento do processo de ensino-aprendizagem. De acordo com Haydt (1988):

[...] quanto maior for a amostragem, mais perfeita é a avaliação, todos os recursos disponíveis de avaliação devem ser usados na obtenção dos dados. Essa é mais uma razão que justifica o uso, pelo professor, de técnicas variadas e instrumentos diversos de avaliação. Pois quanto mais dados ele puder colher sobre os resultados da aprendizagem, utilizando instrumentos variados e adequados aos objetivos propostos, tanto mais válida será considerada a avaliação (HAYDT, 1988, p. 55).

2.1.1 Revelações do cotidiano escolar

Em novembro de 2018 foi realizado as observações em sala de aula, em dias alternados. No primeiro dia de observação os alunos foram para o salão da escola posicionados em filas por turma, pois é de costume a escola realizar no início da semana uma temática com todos os alunos. A temática trabalhada foi sobre poluição sonora. Os alunos cantaram algumas músicas e depois uma professora iniciou apresentando o tema poluição sonora, fazendo reflexões e perguntas aos alunos. Logo após iniciaram a oração e cantaram o hino nacional. Após isto, iniciou-se a abordagem do tema. Porém a maior parte dos alunos não prestavam atenção no que estava sendo exposto. Após esse momento cada turma era chamada para retornar a sala de aula (em fila).

Na sala de aula a professora iniciou perguntando aos alunos que tema foi abordado durante a acolhida no salão da escola. Logo após indagou com os alunos sobre o tema de forma com que eles falassem o que entendiam por esta temática, como forma de conversa. E isso aguçava a curiosidade dos alunos em querer falar, teve uma aluna que estava com vergonha de falar, mas a professora disse para ela não ter vergonha, passou um tempo e ela falou e a professora a elogiou.

Após a discussão sobre o tema abordado na acolhida, a professora trabalhou a disciplina Aspecto da Vida Cidadã (AVC), a mesma justificou que não seria estudado como de costume o tema abordado na acolhida, pois a temática a ser trabalhada seria poluição do ar. Um dos alunos ficou revoltado com o assunto e gritou com a professora porque ele não queria estudar essa disciplina, e sim português. A professora algumas vezes era chamada pelos alunos para encontrar a matéria estudada em seus cadernos.

Ela iniciou escrevendo o cabeçalho no quadro. Fez uma longa pausa, enquanto alguns copiavam e outros conversavam, outros brincavam com outras coisas, principalmente com cartas de um desenho animado, que durante todos os dias de observação percebi que estas chamavam muita atenção dos alunos, e que várias vezes ficavam empolgados em brincar com elas e isso gerava confusão entre eles. Sempre que os alunos terminavam podiam brincar, enquanto os outros terminavam de copiar.

Depois ela escreveu o primeiro parágrafo do assunto, fazia uma pausa para que os alunos copiassem, passava em algumas mesas para verificar se eles estavam escrevendo, e quando necessário chamava a atenção dos que não copiavam. Porém antes de escrever o assunto na lousa sempre falava sobre o tema de forma livre, incentivando os alunos a responder, perguntar, participar, e percebi que muitos davam suas opiniões, principalmente faziam referência do assunto com as situações do seu cotidiano, refletindo sobre o tema abordado.

E a postura da professora demonstra que há diálogo entre professor/aluno. Diferente de uma educação bancária que o professor deposita o conhecimento e o aluno é um mero receptor, sem ter a oportunidade de opinar, questionar, mas sim apenas aceitar o que está sendo posto como verdade. E essa interação promove trocas de conhecimento, pois, o aluno faz relação entre o que ele estuda com sua realidade, e que permite refletir sobre o contexto em que vive. E essa relação com o cotidiano escolar observado em sala de aula está em conformidade com o Projeto Político Pedagógico da escola.

Foi possível observar que durante a explicação da docente era em forma de conversa com os alunos, a professora explicava o significado de algumas palavras que estavam no quadro como “nociva”, “ecossistema”, etc., para que os alunos pudessem entender melhor o assunto abordado. Nessa aula percebi que um aluno não quis copiar, nem retirou seu caderno da mochila, passou a aula toda sem copiar e participar da aula. A professora chamou atenção dele indagando o porquê ele não queria escrever, mas ele permaneceu calado, a professora disse que iria chamar a coordenadora, pois não sabia mais como agir, pois já havia falado com a mãe do aluno, já conversou com ele, mas não surtiu efeito.

Durante a atividade a professora passava em algumas cadeiras para visualizar se a tarefa estava sendo realizada pelos alunos, sempre com a caneta de cor vermelha para corrigir a atividade. Porém, as respostas corretas eram sinalizadas no caderno como certo e as que estavam erradas, ela explicava para que os alunos pudessem repensar e corrigir, para então ser sinalizadas como corretas.

Aceitar o erro como algo natural e constitutivo no processo de construção do conhecimento,

[...] não significa ignorá-lo, aguardando que o aluno o perceba sozinho, ou então, considera-lo e induzir o aluno à resposta correta. Fonte de informações, o erro precisa ser entendido e induzir o aluno à resposta correta. Fonte de informação, o erro precisa ser entendido, balizado e superado, por meio de métodos, técnicas e procedimentos de ensino (RUY; SOUZA, 2006, p. 66).

Errar é decorrência de permitir-se tentar, pois uma resposta errada é mais importante e reveladora que uma resposta deixada em branco. O discente precisa perceber o “erro” obtido em sua tarefa, para que possa refletir sobre ele para modificá-lo, este é o erro construtivo.

Durante o período de resolução das atividades pelos alunos, uma minoria não escreveu ou escreveu apenas parcialmente, por que estavam conversando, brincando com as cartas. Próximo ao horário do intervalo percebi alguns alunos ajudando outros para resolver as atividades.

Após o recreio de 15 minutos os alunos voltaram para a sala de aula, todos eufóricos ainda, após uma pausa a professora avisou que seria aula de matemática com a temática: Multiplicação por 6 e 7.

A professora perguntou qual foi o assunto abordado na última aula de matemática, alguns responderam que foi multiplicação 4 e 5, então a professora explicou que seria a multiplicação de 6 e 7. Iniciou copiando na lousa a multiplicação de 6 sem colocar a resposta. Ao final que os alunos (a maioria) copiaram ela perguntava aos alunos, “quanto é 6×1 ?” alguns acertavam e outros erravam, outros não respondiam. Então ela explicou algumas regrinhas da matemática como por exemplo que todo o número multiplicado por 1 é ele mesmo. Assim perguntava e os alunos respondiam. Após escreveu a multiplicação de 7, e fez a mesma metodologia anterior, perguntando aos alunos para completar a tabuada do 6 e 7. Durante essa resolução a

professora pediu aos alunos que não olhassem a tabuada, para que eles pudessem se esforçar para acertar e aprender o assunto abordado.

Após uma pausa, escreveu na lousa atividades para serem resolvidas pelos alunos, e durante a resolução passava nas mesas dos alunos para corrigir a atividade, alguns alunos se esforçavam para terminar logo suas atividades pois poderiam brincar, pois havia na sala de aula um armário com alguns jogos. Percebi que havia um aluno que durante a aula conversava bastante, as vezes não prestava atenção na explicação, mas que durante a atividade resolveu o exercício sem alguma dificuldade. Durante o exercício, alguns alunos iam resolvendo as questões e levando na mesa da professora para serem corrigidos, alguns refaziam as contas até que esta estivesse correta. Após uma longa pausa para a resolução das atividades a professora corrigia o exercício na lousa a partir das respostas corretas dos alunos, e os que não tinham terminado ou não acertaram todas resolviam em seus cadernos as respostas da lousa e mostravam para professora para que ela corrigisse.

Durante a aula a professora chamava a atenção dos alunos que não estavam copiando. E o mesmo aluno que no início da aula não escreveu permaneceu sem escrever, e durante a aula brincava, pegava alguns livros expostos no cantinho da leitura para folhear, ou brincava de cartas, as vezes com comportamento quieto outras conversava com os colegas que estavam escrevendo. Ao final da aula um aluno não copiou e a professora disse que era para ele copiar, pois só iria sair depois que escrevesse. Ao final escreveu o restante que faltava pelo aluno e dispensou a turma.

No segundo dia de observação, a professora iniciou a aula relatando que seria a aula de Geografia, solicitando aos alunos o trabalho de geografia, porém poucos alunos entregaram, e ela disse que não esquecessem de fazer os trabalhos de geografia e matemática solicitados em aulas anteriores. Como a Mostra Literária aconteceria no dia 25 de novembro, então a tarefa dos alunos seria trabalhar com o tema que seria abordado pela turma que são as cantigas de roda.

A professora perguntou aos alunos se eles lembravam das cantigas que já haviam sido trabalhadas em aulas anteriores, surgindo respostas avulsas dos alunos empolgados para falar. Então, solicitou que formassem 3 grupos de 5 alunos e 1 grupo de 6 alunos, para que cada grupo montassem uma cantiga de roda no cartaz para a

Mostra Literária. Entregou aos grupos uma folha de papel 40kg, entregou também algumas folhas de papel A4 com a letra de cantigas de roda e imagens referentes a mesma. Explicou aos alunos para que cortar e colar a letra das cantigas de forma ordenada no cartaz, pediu para pintar e cortar as figuras e colar no cartaz. As cantigas trabalhadas foram: borboletinha, dona aranha, peixinho e o gato.

Durante a construção do trabalho a professora observava os alunos a fazerem a atividade, tirando as dúvidas que surgiam, enquanto cortava o nome do tema de cada cantiga em papel cartão para serem coladas como títulos do cartaz. Havia alunos que centralizavam as tarefas querendo sempre fazer sozinho, mas a professora chamava a atenção orientando que a atividade deveria ser feita em grupo.

Alguns alunos não se envolveram tanto na atividade devido no segundo horário (após o intervalo) iriam jogar futebol contra os alunos do 3º ano da turma da manhã. Mas a professora sempre ajudava nas dúvidas que surgiam. Percebi que nessa atividade o aluno que no primeiro dia de observação não quis escrever, nessa atividade se envolveu um pouco ajudando os colegas a cortar e pintar as figuras da cantiga. No final da aula a professora disse aos alunos para trazerem seus livros de matemática.

No terceiro dia de observação foi a aula de matemática com o assunto Medidas de Comprimento. A professora perguntou aos alunos quem havia trazido o livro de matemática, houve uma minoria que não trouxe, mas ela disse que eram para anotar as respostas no caderno e depois passar para o livro didático.

Ela iniciou perguntando aos alunos se eles lembravam de que tipo de medida eles já haviam estudado, poucos responderam, que era medidas de tempo. Ela fez um resumo rápido para que eles pudessem lembrar. E depois iniciou a aula dizendo que iriam estudar medidas de comprimento, falando palmos, pés e centímetros. Ela explicava cada tipo de medida e pedia aos alunos que medissem o comprimento da sala de aula, da porta, caderno, mostrando a diferença entre estas medidas, inclusive ela levou uma trena. Os alunos participaram, pois a professora sempre instigava-os a participar, com sua explicação do assunto em forma de conversa com os alunos, mas sempre há uma minoria que conversa e não presta muita atenção nas aulas.

A professora passou atividade, colocava na lousa um objeto da sala de aula, como por exemplo a lousa e pedia aos alunos que adivinhassem quantos palmos ela

tinha, os alunos dava suas opiniões e então a professora pedia a um aluno fazer a medida do objeto. Os alunos ficavam empolgados com a atividade. Percebi que a dinâmica ajudou na participação e curiosidade dos alunos. A professora durante a atividade ficava na mesa e os alunos levavam as atividades para serem corrigidas, sempre com a mesma metodologia, os que estavam corretos marcava como certo e os que não estavam pediam orientava para que eles pudessem corrigir.

Após o intervalo a professora trabalhou a disciplina Artes, onde realizou junto aos alunos uma atividade que seria exposto na Mostra Literária, evento que aconteceria na escola e que os alunos iriam participar. Ela perguntou aos alunos se eles lembravam das cantigas que eles fizeram o cartaz para a Mostra Literária, então distribuiu aos alunos uma folha de papel A4 e solicitou que desenhassem algo que representasse uma cantiga de roda, poderia ser qualquer uma, e que ela escolheria três desenhos para serem exibidos na Mostra Literária. Então os alunos iniciaram as atividades, as vezes pediam ajuda para a professora, ou mostravam para ela verificar se estava certo. Percebi que teve um aluno que não queria terminar a atividade, devido querer brincar de cartas com os outros alunos. Pois, a medida em que os alunos terminavam podiam brincar.

No quarto dia letivo de observação, foi a aula da Disciplina Ciências com a temática Origem dos Alimentos. A professora escreveu na lousa o cabeçalho da escola, e fez uma pausa para os alunos escreverem, logo após iniciou escrevendo o conteúdo, e a cada parágrafo esperava os alunos copiarem e depois explicava, sempre nessa dinâmica de conversa entre professor/aluno, instigando a participação e o aprendizado do assunto exposto, mas durante a aula toda alguns alunos conversavam alto, mesmo a professora explicando o assunto.

Após a explicação a mesma passou uma atividade, onde poucos alunos não quiseram escrever. Percebi que maioria dos alunos levavam seus cadernos para serem corrigidos pela professora, enquanto que outros durante a atividade não levaram para a professora para serem corrigidos. Será que foi por conta das dúvidas em relação ao assunto, me perguntei qual seria o motivo de não participar.

Após a pausa para a correção do exercício a professora fez a correção da atividade na lousa, perguntando aos alunos, e colocando as respostas no quadro. E

alguns alunos que não haviam feito a atividade copiaram do quadro as respostas. Após esta atividade, a professora entregou aos alunos uma atividade impressa em papel A4 para que eles resolvessem, e como sempre alguns alunos iam levando na mesa da professora para correção e receber orientação das questões que não haviam acertado. Alguns alunos responderam rapidamente a atividade, e foram brincar, outros demoraram mais tempo para resolver e pediram ajuda da professora.

Depois da correção da atividade, a professora fez um bingo com os alunos, sendo que 3 alunos não quiseram participar. Após a aula, os alunos foram para o intervalo e depois foram dispensados para assistir os jogos dos alunos do 5º ano que acontecia na quadra da escola.

A ação interventiva, amparada na análise e compreensão das dificuldades de aprendizagem e pautada na variabilidade didática, por parte do professor, revela ter uma concepção de erro como elemento constitutivo do processo de aprendizagem e indicativo dos processos cognitivos empreendidos pelo aluno na apropriação do conhecimento. O conhecimento sobre as formas de aprendizagem e a adaptação das ações docente às necessidades dos alunos, são características de uma avaliação formativa que, segundo Perrenoud (1999, p. 78), é entendida como “[...] uma prática de avaliação contínua que pretenda melhorar as aprendizagens em curso [...], que ajuda o aluno a aprender e a se desenvolver, que participa da regulação das aprendizagens e do desenvolvimento no sentido de um projeto educativo”.

No próximo dia letivo foi a aula da disciplina Português com o assunto Pronomes Pessoais. A professora iniciou perguntando aos alunos se eles lembram da cantiga da dona aranha, pois eles iriam trabalhar com essas cantigas. Então a professora escreveu a cantiga na lousa. Introduziu o assunto dizendo aos alunos com alguns exemplos, quando eu digo “Miguel é estudioso, qual palavra poderia substituir o nome Miguel?”, as respostas foram diversas “Miguel estuda”, “Miguel é muito gordo”, e como eles não conseguiram responder, a professora pediu para que os alunos ler a cantiga de roda que estava na lousa, e fez a seguinte pergunta: Qual palavra aparece na cantiga que substitui o nome da Dona Aranha? As repostas foram diversas: “subiu”, “teimosa e desobediente”, então a professora explicou que o pronome ELA substituiu

na cantiga o nome da dona aranha, logo após retornou aos exemplos anteriores do início da aula, que então foram respondidos pelos alunos.

Ao final da explicação a professora escreveu no quadro os exercícios para verificar o entendimento dos alunos, colocando inúmeros exemplos para serem resolvidos. Durante as atividades, os alunos levavam até a mesa da professora para que ela corrigisse e desse as devidas orientações caso houvesse algum erro.

A metodologia usada pela professora ressalta a ideia de avaliação como parte de um processo mais amplo, que consiste em conhecer o que cada aluno sabe, como cada aluno aprende e de que forma o erro se interpõe neste processo. A docente compreende, também que, ao elaborar e desenvolver atividades avaliativas, o compromisso assumido é de investigar as aprendizagens elaboradas e, principalmente, aquelas ainda em curso, sendo apenas o primeiro passo para se pensar na efetivação de uma avaliação mais formativa, pois, integrada ao processo de ensino e aprendizagem, ela se inscreve, então, em:

[...] um conjunto de práticas escolares e sociais que enfatizam a produção do conhecimento como processo realizado por seres humanos em interação, que, ao conhecer, se conhecem; ao produzir o mundo no qual vivem, se produzem; ao viver vão esgotando suas possibilidades de vida individual e estreitando os laços que unem cada um e cada uma à infinita rede da vida (ESTEBAN, 2008, p. 29).

Após o intervalo a aula foi de Geografia com o tema “Os Símbolos Nacionais”. A professora iniciou a aula fazendo uma breve introdução do assunto, com a participação dos alunos instigados a participarem. Após, escreveu no quadro o assunto, sempre fazendo uma pausa em cada parágrafo para que os alunos não se atrasarem na escrita e acompanhem a aula. Logo após explicou o assunto, sempre tirando as dúvidas que surgiam durante a explanação. Logo após pediu aos alunos que desenhassem a bandeira do Brasil e no decorrer da atividade explicou o significado das cores da bandeira. Durante a atividade percebi que todos os alunos participaram da atividade, por ser uma atividade atrativa aos alunos, o desenho e a pintura, porém nem todos terminaram devido o tempo, então a professora pediu aos alunos que não conseguiram terminar para fazer em casa.

Em relação a participação do aluno nas atividades, Luckesi explica que (1993, p. 114) “[...] o educando é aquele que, participando do processo, aprende e se desenvolve, formando-se como sujeito ativo de sua história pessoal quanto como da história humana”. Assim, compreende-se que o aluno é um sujeito capaz de interpretar, problematizar, dialogar, compreender e construir conhecimento, se fazendo necessário que o educando participe ativamente em sala de aula, ou seja, que ele tenha um papel mais ativo e que não se limite a ser espectador do processo.

Além disso, o professor é o propulsor para incentivar o aluno a participar, interagir, pois através da avaliação diagnóstica é possível perceber as dificuldades dos alunos, possibilitando traçar objetivos que venham a ajudar no desenvolvimento de sua aprendizagem, através de escolhas de metodologias e instrumentos avaliativos necessários para se obter melhores resultados.

2.1.2 Questionário

Ao final das observações realizadas na turma do 3º ano, foi solicitado a professora uma entrevista, a fim de entender melhor sobre sua concepção de avaliação fazendo relação com as observações realizadas no decorrer da pesquisa de campo, com a intenção de alcançar os objetivos propostos desta referida pesquisa. A entrevista foi marcada, mas no dia que seria realizado não houve aula. Diante disso, só foi possível realizar um questionário com a mesma, pois a docente justificou que não poderia deixar os alunos sozinhos para fazer a entrevista.

A docente foi informada sobre os objetivos deste estudo, aceitou participar e assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. O questionário aplicado apresenta nove questões abertas, com a intenção de conhecer a visão da professora pesquisada acerca das práticas avaliativas no contexto escolar. O questionário entregue a professora para ser respondido no ambiente escolar e recolhido logo em seguida.

Sobre os instrumentos que a professora pesquisada utiliza para avaliar seus alunos, a mesma faz uso de “exercícios, trabalhos individuais, pesquisas extraclasse, prova escrita”.

No decorrer das observações em sala de aula foi possível verificar o uso desses instrumentos, exceto a prova, visto que não estava em período de realização da mesma. O uso de vários instrumentos de avaliação facilita o processo avaliativo, pois há uma possibilidade maior de coleta de dados, para isso estes devem ser previamente elaborados de acordo com a necessidade do educando.

Quanto a sua concepção de avaliação informada pela docente, “a avaliação serve para avaliar o processo ensino-aprendizagem, tanto o desenvolvimento da aquisição dos conhecimentos pelos alunos quanto as metodologias usadas pelo professor”. Através da avaliação é possível o professor analisar suas metodologias, e corrigi-las quando necessário.

Em relação a forma de elaboração de suas avaliações a docente espera “que os alunos demonstrem tudo o que aprenderam durante as aulas do bimestre, o bom desempenho dos mesmos”. E quando realiza uma prova a docente percebe que determinada questão muitos alunos não conseguiram responder, diante de tal situação, a professora realiza “novas atividades referentes ao assunto em questão, abrindo mão de outras estratégias”.

Méndez (2002, p. 39) diz que “a maneira como o sujeito aprende é mais importante que aquilo que aprende, porque facilita a aprendizagem e capacita o sujeito para continuar aprendendo permanentemente”, dessa forma, as metodologias utilizadas em sala de aula precisam atender as necessidades dos alunos, de modo com que o aluno sinta satisfação em sempre compreender o que está sendo ensinado.

No que diz respeito a realização das avaliações a professora pesquisada informou que “na maioria das vezes são contextualizadas, pois procuro envolver exemplos do dia-a-dia e relacionar as questões com a própria experiência do aluno”. E durante as observações foi possível perceber que a docente instiga os alunos a participarem, a fazer essa relação dos conteúdos ensinados em sala de aula com seu cotidiano, facilitando a aprendizagem e associando o conteúdo com as práticas do dia-a-dia. E a escola pesquisada procura envolver o conteúdo escolar com a realidade do aluno.

Em relação a avaliar e testar os alunos para a docente pesquisada “avaliar e testar tem a mesma função que é refletir sobre o processo de ensino-aprendizagem da turma, elencando os avanços e as dificuldades”. O teste de acordo com Hoffmann,

“é fundamentalmente um instrumento de questionamento sobre as percepções de mundo, avanços ou incompreensões dos alunos. Exige do professor uma tarefa séria de interpretação. Por que meu aluno respondeu dessa forma? Por que não respondeu?” (HOFFMANN, 2001, p.54)

O professor não deve confundir o teste com a avaliação, pois os resultados do testes não devem ser interpretados como verdades absolutas. O ato de avaliar é amplo, é a realização de reflexão/ação. Hoffmann (2001, p.19) entende que “avaliar é dinamizar oportunidades de ação-reflexão, num acompanhamento permanente do professor”, propondo sempre ao aluno novas questões, novos desafios.

De acordo com a professora a visão de avaliação de seus alunos variam, pois “para a maioria é parte do processo da aprendizagem, outros a veem apenas como aquisição de notas e ainda há aqueles que não dão a devida importância”. Alguns alunos e professores ainda tem uma visão limitada de avaliação, da importância do ato de avaliar, isso muitas vezes é reflexo de sua trajetória como aluno, de uma avaliação tradicional e classificatória que visa apenas a promoção do aluno. Mas, é necessário entender que a avaliação é algo positivo para a formação do aluno, ela tem o intuito de ajudar tanto o docente a melhorar sua prática pedagógica, quanto ao discente no seu desempenho escolar.

Os instrumentos de avaliação desenvolvidos pela docente possibilitam ao aluno demonstrar as habilidades por ele desenvolvidas, pois a professora diz que “todas as atividades propostas estão relacionadas aos conteúdos trabalhados e nelas os alunos demonstram se a aquisição do conhecimento se deu de forma satisfatória ou não”.

No que se refere a utilização da avaliação para repensar a sua prática pedagógica, a docente informou que “se o aluno não consegue demonstrar um mínimo de conhecimento daquilo que foi trabalhado, é necessário refletir sobre o processo de ensino e suas metodologias uma vez que é a aprendizagem do aluno o principal

objetivo da escola, e quando ele não adquire habilidades necessárias ao seu nível de escolarização, alguma coisa está errada”.

Diante de tal afirmativa me pergunto o porquê a professora durante as observações que fiz na turma, não tomou nenhuma providência em tentar buscar estratégias, metodologias que visam ajudar o aluno que não participa, que não escreve, que só está meramente sendo um aluno que ocupa uma cadeira na sala de aula, pois dos dias que passei observando a turma, não vi a professora buscar estratégias que fizessem com que o aluno participasse, aprendesse de fato, pois nitidamente percebi que ele possuía dificuldades no seu aprendizado, visto que, algumas vezes a professora se dirigiu a ele com perguntas que o mesmo não soube responder.

Ora, ao final do ano letivo este aluno certamente ficará retido na mesma série, ou se passar de ano será que obteve conhecimentos satisfatórios? Percebi o discurso da professora quanto a este aluno, ao chamar atenção do mesmo, dizendo que não sabia mais o que fazer com ele, pois já havia comunicado seus pais, e que iria chamar a coordenação, mas não seria o momento de já ter se reunido com a coordenadora pedagógica da escola, a fim de buscar soluções para ajudar este aluno? Afinal, quanto mais o tempo passa sem providencias, mais aumenta os conteúdos acumulados que o aluno não aprendeu.

A avaliação não deve ser produto final, mas deve ser diagnóstica, com a intenção de sempre verificar o que o aluno já sabe, possibilitar traçar objetivos, refletir que instrumentos avaliativos poderá ser utilizado para alcançar esses objetivo, e também de uma avaliação que seja de fato formativa, processual, contínua, que visa o acompanhamento do aluno sempre fazendo essa associação entre avaliação diagnóstica e avaliação formativa com o intuito de fazer com que o aluno aprenda, verificar o porquê que o aluno não está conseguindo aprender.

A escola não é um espaço de exclusão, mas sim de acolhimento, pois se o professor deixa de avaliar o aluno de forma reflexiva, buscando estratégias para ajudar nesse processo de ensino-aprendizagem do aluno, o professor acaba promovendo uma educação excludente, que visa apenas a promoção ou a retenção do aluno, e a avaliação não deve ser vista dessa forma, visto que a mesma tem um papel importante no processo de ensino aprendizagem.

2.2 AS PRÁTICAS AVALIATIVAS NO CONTEXTO ESCOLAR

Segundo estudos de Rampazzo (2011), uma avaliação utilizada em sala de aula que não é questionada, tanto seus objetivos quanto suas finalidades, não configura um modelo de avaliação e estar condenada a perder seu próprio sentido de processo avaliativo. Desse modo, tal avaliação precisa ter instrumentos coerentes com a forma de ensinar do professor em sala de aula, bem como ao seu propósito. Ainda segundo a autora, os instrumentos de avaliação necessitam estar atrelados à prática metodológica do professor, pois a avaliação e a metodologia são indissociáveis e necessitam ser coerentes, visto que não há como pensar em avaliação de forma isolada da metodologia, dos conteúdos ou dos objetivos, pois é a relação existente entre esses elementos que sustenta a efetividade do processo de ensino e aprendizagem.

Rampazzo (2011) afirma que o professor deve compreender a avaliação como parte do processo educativo, pois implica em avançar no sentido de analisar suas finalidades ou funções, sendo necessário que o professor entenda o objetivo de avaliar. A avaliação é empregada para informar, para situar o professor e o aluno no percurso escolar, para aperfeiçoar o ensino, para acompanhar e regular a aprendizagem do aluno.

Além de esclarecer a finalidade da avaliação, o professor deve conhecer o que precisa ser avaliado, isto é, quais são os dados relevantes, conforme Luckesi (2002) deixa claro ao dizer que o processo de avaliação deve contemplar o que o aluno sabe ou o que aprendeu, bem como o que ainda não sabe ou ainda não aprendeu, além daquilo que deveria saber, o ensino realizado na sala de aula e as experiências anteriores do aluno, a chamada bagagem educacional. É muito importante que o professor defina como avaliar, selecionando as técnicas e os instrumentos de avaliação.

Nesse contexto, para realizar a avaliação, Rampazzo (2011) afirma que o professor deve considerar alguns aspectos que fazem parte do seu processo avaliativo e o conduzem, ou seja, as informações mais importantes que permitam o reconhecimento da aprendizagem do aluno, o modo de avaliar que mais se aproxime e melhor atenda à metodologia trabalhada em sala de aula, além do reconhecimento de

quem são os alunos e seu perfil cognitivo, social, econômico, entre outros. Assim, o professor ainda precisa refletir sobre o que será feito com os resultados dessa avaliação, de que modo serão analisados, como serão desenvolvidos e o que será feito após os resultados, de acordo com o nível de aprendizagem dos alunos, assim como, selecionar qual a melhor forma de avaliar seus alunos, levando em consideração o momento e a modalidade de avaliação.

Para que o professor possa aplicar a avaliação, precisa escolher os instrumentos de avaliação que irão possibilitar o acompanhamento da aprendizagem do aluno, uma vez que expressam o que o aluno aprendeu, deixou de aprender ou ainda precisa aprender. Os instrumentos de avaliação apresentam registros de diferentes naturezas, há aqueles expressos pelo próprio aluno, como provas, cadernos, textos e outras atividades, e aqueles expressos pelo professor, como pareceres, registro de observação, fichas, entre outros.

De acordo com Vasconcellos (2003), uma reflexão crítica sobre os instrumentos de avaliação usados pelo professor remete a alguns questionamentos voltados ao fato de como são preparados tais instrumentos, como serão analisados e corrigidos, como será feita a comunicação dos resultados e o que se fará com os resultados obtidos. Todos esses aspectos devem ser muito bem pensados e amadurecidos pelo professor, porém, a elaboração do instrumento a ser usado para avaliar é um ponto essencial nessa reflexão.

Ao pensar e elaborar um instrumento de avaliação, Vasconcellos (2003) destaca que é preciso ter atenção a alguns critérios que o professor necessita considerar, isto é, verificar se realmente são essenciais, reflexivos, abrangentes, contextualizados, claros e compatíveis com o trabalho que o professor realiza com o aluno durante o ensino-aprendizagem.

Há tempos a até hoje, a prova é o instrumento de avaliação mais comumente utilizado na escola para avaliar os alunos. Rampazzo (2011), aponta que em muitas escolas todo o seu processo avaliativo é centrado em provas escritas aplicadas a cada bimestre, uma vez que possibilita verificar fidedignamente o nível de aprovação do aluno e a devolução dos resultados a escola.

Segundo Luckesi (2002), o professor já traz na sua bagagem a cultura da prova, visto que, em sua vida escolar, foi avaliado por esse instrumento inúmeras vezes, praticando o ritual da prova e do exame por muitos anos. A prova é usada como instrumento de avaliação tanto na educação básica como no ensino superior, o que faz o professor vivenciar a situação de prova em toda sua formação.

Como explica Hoffmann (1993, p. 18), na sua prática de sala de aula, “o professor segue a tendência em reproduzir modelos vivenciados, visto que essa lhe oferta segurança ao devolver os resultados aos alunos, pais, direção, equipe pedagógica e sociedade, transformando-se em uma rede de segurança do professor”.

A prova tem a capacidade de promover uma sensação de justiça e igualdade ao professor, pois utilizou o mesmo instrumento, com as mesmas questões para avaliar todos seus alunos de modo igual. Entretanto, tal sensação de democracia pode ser falsa, visto que a prova pode ser usada apenas como instrumento para correção de atitudes comportamentais, ser elaborada com alto ou baixo grau de dificuldade, além de desrespeitar o contrato didático e não apresentar questões claras entre alternativas muito parecidas que confundam o aluno.

De acordo com Vasconcellos (2003), na prática, alguns motivos fazem com que o professor escolha a prova como instrumento de avaliação.

É mais cômodo (permite um tempo para “respirar”, corrige tudo de uma vez, etc.); o docente tem a visão de que “sempre foi assim”; não percebe a necessidade de mudar; não sabe como fazer diferente; sente-se segura assim, já que há uma legitimação social para este tipo de prática (especialmente em termos de preparação para os exames); existe a possibilidade de usá-lo como ameaça para o aluno (forma de controle do comportamento); e localiza o problema no aluno, não se questiona o processo (VASCONCELOS, 2003, p. 125).

Porém, é preciso que o professor possa refletir de modo que a prova não se torne o único instrumento de avaliação ou a própria representação de avaliar, visto a avaliação necessita ir além do trabalho docente, do sistema educacional, do projeto político pedagógico e do processo educativo. Vasconcellos (2003, p.125), chama a atenção ainda a prática que “a avaliação deixa de ser considerada como dimensão da aprendizagem, para ser apenas a *com-prova-ação* do que o aluno sabe”.

Contudo, a prova ainda é o instrumento avaliativo mais usado pelos professores das diversas áreas do conhecimento e em diversas situações, visto que o sistema

educacional requer um método escrito que seja capaz de avaliar o nível de conhecimento do aluno.

Assim, é importante que a prova não seja a única forma de avaliar o aluno, mas que seja um complemento avaliativo capaz de refletir sobre a utilização e construção desse instrumento, tomando alguns cuidados em sua elaboração e correção.

CONCLUSÃO

A realização desta pesquisa possibilitou a reflexão sobre os diferentes aspectos que envolvem o aluno e o professor em relação aos instrumentos de avaliação usados nas aulas. É preciso entender que a sociedade, a escola e a ação docente se transformam no decorrer do tempo, ou seja, o mundo em que vivemos não é estático, mas dinâmico e, desse modo, faz-se necessário que o aluno também tenha garantido a sua participação ativa em sala de aula, pois assim como os outros sujeitos que estão na instituição ele também precisa evoluir na sua atuação.

Na pesquisa realizada na Escola “Dr. Vicente Maués”, na turma do 3º ano do ensino fundamental, foi possível identificar que, em boa parte das vezes o papel que os alunos desempenham é de passividade e de reprodução. Entretanto, o professor incentiva os alunos a participar e explica que os erros fazem parte do aprendizado, pedindo para que refaçam as questões incorretas e percebam os erros e o porquê deles ocorrerem.

A busca por compreender as divergências e as dificuldades em relação à possibilidade de o aluno assumir um papel mais atuante em sala de aula resultou na percepção do grande contraste existente entre a teoria e prática, pois o que fundamenta a proposta pedagógica, na maioria das vezes, não é visto na ação docente e pela equipe pedagógica, ou seja, o papel do professor em sala de aula prevalece como o detentor do conhecimento em que apenas ele sabe e transmite o conhecimento aos alunos. Estes por sua vez permanecem como espectadores ouvindo atentamente o que o educador fala e recebendo, quase sempre, a solução e interpretação de determinada atividade, não possibilitando, portanto, a reflexão e a autonomia em sala de aula.

Por outro lado, em relação às dificuldades, foi perceptível que, na maioria das vezes, o aluno tem a possibilidade de se expressar, interagir, opinar sobre determinado assunto, participar, interpretar e construir sua autonomia, faltando apenas mais interesse da parte do aluno em interagir em sala de aula, visto que o professor incentiva e apoia tal participação.

Para assegurar ao aluno uma participação em sala de aula com o propósito de que este venha a protagonizar ações dinâmicas, é essencial que a escola e o professor colaborem nesta construção, proporcionando melhorias na organização do ensino,

possibilidade e momentos para que os alunos possam se manifestar enquanto sujeitos, entendendo seus direitos e deveres.

A escola e o professor, juntos, devem assumir o compromisso com o desenvolvimento intelectual, cultural e social do aluno, devendo o professor, principalmente, ter clareza de que está auxiliando no processo de formação desse aluno, sendo assim, o modo como concebe esse aluno, o ensino e a aprendizagem, bem como o método pelo qual avalia irão influenciar neste processo. Para tanto, é preciso, além de favorecer uma aprendizagem significativa, possibilitar aos alunos a plena participação, reflexão e autonomia em sala de aula.

É necessário que o professor conheça seus alunos, respeite a individualidade de cada um, valorize seus conhecimentos já adquiridos, proponha estratégias diferenciadas que valorizem a participação individual e em grupo, além de desenvolver meios para que possam estar presentes em sala de aula de modo ativa, vivenciando situações desafiadoras e problematizadas.

Um bom instrumento de avaliação sozinho não garante êxito no processo avaliativo, porém a intenção do professor e o trabalho que realiza com seus alunos a partir desse instrumento é que vai mostrar resultados satisfatórios, ou seja, o modo como o professor usa os instrumentos de avaliação é que vai deixar claro o quanto os alunos aprenderam durante o ano letivo.

REFERÊNCIAS

BLOON, B.; HASTINGS, J. T.; MADAUS, G.F. **Manual de Formação Formativa e somativa do aprendizado escolar**. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1983.

BRASIL. **Lei Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, Lei Nº. 9.394/96, Brasília.

CHIZZOTTI, A. **A pesquisa qualitativa em pesquisas humanas e sociais**: evolução e desafios. Revista Portuguesa de Educação. Portugal: Universidade de Minho, 2003, p. 221 – 236.

ESTEBAN, Maria Tereza. **Avaliação**: uma prática em busca de novos sentidos. Petrópolis: DP&A, 5ª Ed, 2008.

HAYDT, Regina Célia Cazaux. **Avaliação do processo ensino-aprendizagem**. São Paulo: Ática, 1988.

HOFFMANN, Jusara Maria Lerch. **Avaliação mediadora**: uma prática de construção da pré-escola à universidade. Porto Alegre: Mediação, 1993.

HOFFMANN, Jusara Maria Lerch. **Avaliação**: mito e desafio: uma perspectiva construtivista. Porto Alegre: Mediação, 2001. 30ª ed. revista. 118p.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994. 2ª edição.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Filosofia da educação coleção magistério 2º grau**. Série formação do professor. 21 Ed. São Paulo: Cortez, 1993.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem**: componente do ato pedagógico. São Paulo: Cortez, 2011.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar**: estudos e proposições. 12ª ed. São Paulo: Cortez, 2002.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. de. **Pesquisa em educação**: abordagens Qualitativas. São Paulo: EPU, 1986

MÉNDEZ, Álvarez J. M. **Avaliar para conhecer, examinar para excluir** / J.M. Álvarez Méndez; tradução Magda Schwartzaupt Chaves. – Porto Alegre: Artmed, 2002.

MORETTO, Vasco. **Avaliação da aprendizagem**: uma relação ética. In: VI Congresso Pedagógico Da Aneb. Brasília, 1996. (Palestra).

MOROZ, Tieppo Alves Gianfaldoni. **O processo de pesquisa**: iniciação. Brasília: Plano Editora, 2002.

PERRENOUD, Philippe. **Avaliação**: da excelência à regulação das aprendizagens – entre duas lógicas. Porto Alegre: ARTMED, 1999.

RAMPAZZO, Sandra Regina dos Reis. **Instrumentos de Avaliação**: reflexões e possibilidades de uso no processo de ensino e aprendizagem. Produção Didático-Pedagógica apresentada ao Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE). NRE – Londrina, 2011.

TARDIF, Maurice. **O trabalho docente**: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. 7ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Avaliação da aprendizagem**: práticas de mudança – por uma práxis transformadora. São Paulo: Libertad, 2003.

VEIGA, Ilma P. (org.). **Lições de Didática**. SP: Papirus, 2006.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS

QUESTIONÁRIO (PROFESSORA)

01 - Que instrumentos você utiliza para avaliar seus alunos?

02 - Na sua concepção, a avaliação serve para quê?

03 - Quando elabora suas avaliações, o que espera obter?

04 - Ao avaliar seus alunos utilizando a prova você percebe que determinada questão muitos alunos não conseguiram responder. Diante de tal situação, o que você faz?

05 - Suas avaliações são contextualizadas? Por quê?

06 - Você avalia ou testa seus alunos? Para você, o que diferencia os dois?

07 - Na sua concepção, de que forma os alunos enxergam a avaliação?

08 - Os instrumentos de avaliação desenvolvidos por você possibilitam ao aluno demonstrar as habilidades por ele desenvolvidas? Justifique.

09 - Você usa as suas avaliações para repensar a sua prática? Justifique.

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PROFESSORES (AS)

PROJETO: “A avaliação da aprendizagem nos anos iniciais do ensino fundamental”

ESCLARECIMENTOS DA PESQUISA

- 1. Natureza da pesquisa:** Você está sendo convidado a participar desta pesquisa, que tem como objetivo compreender as práticas de avaliação da aprendizagem utilizadas nas séries iniciais do ensino fundamental em uma escola pública no Município de Abaetetuba.
- 2. Participantes da pesquisa:** professores.
- 3. Sobre as entrevistas:** será feita uma entrevista com o objetivo de compreender a visão do professor sobre avaliação da aprendizagem.
- 4. Riscos e desconforto:** a participação nesta pesquisa não traz complicações legais, ou seja, a pesquisa não tem potencial gerador de riscos físicos nem tampouco psicológicos aos participantes. Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos critérios de Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução no. 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde. Nenhum dos procedimentos usados oferece riscos à sua dignidade.
- 5. Confidencialidade:** todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. Somente a pesquisadora e o orientador terão conhecimento dos dados.

Consentimento Livre e Esclarecido

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar da pesquisa.

Data: ____/____/2018.

Assinatura do Participante da Pesquisa

Assinatura da Pesquisadora

Assinatura do Orientador